Pedro Canavarro

O Caminho de Santiago e a Peregrinação: Reflexões de um Europeísta

Alvito

25 de Março de 2010

Comunicação apresentada por Pedro Canavarro, no Seminário Internacional "O Caminho de Santiago e a Identidade Europeia", realizado, no Alvito, a 25 de Março de 2010.

Os peregrinos que percorrem, em qualquer Tempo, os caminhos de Santiago desenham percursos de referência, pelos passos que dão, autênticas radiografias do seu comportamento ou atitude.

As pessoas, por natureza, estão num certo re-ligare com algo e, necessitam de saber, como o sentimento mais profundo de cada um os afecta. Daí ser tão interessante conhecer aquilo que são os propósitos de inícios de caminhada, oriundos de locais diversos mas todos procurando abraçar um "Termo", "Termo" esse importante já que é o fim que procuram.

Ser-se caminhante ou peregrino é percorrer isoladamente ou em grupo, campos e cidades, na óptica da busca de um tal "Termo"/ ou procura que, tanto pode ser um local sagrado católico, como é o caso de Santiago de Compostela, indiscutível para o homem medieval na definição da sua própria identidade de crente europeu – como também o será o Santuário de Meca para os muçulmanos aos quais se exige que o visitem pelo menos uma vez na sua vida. Estas procuras peregrinas tanto se podem realizar nestas direcções como também na procura da Roma Eterna, onde todos os caminhos lá vão dar, como na procura da Jerusalém Celeste onde os mortos, sobretudo os judeus aí sepultados, acreditam virem a ser os primeiros, numa ressurreição, a olharem essa nova visão do celestial, que lhes é prometida para termo dos seus percursos e alargada à diversidade das religiões que habitam Jerusalém e a têm como matriz – sejam elas a religião judaica, a católica, a copta, ou a etíope já para não falar no "Pátio das Mesquitas" na perspectiva da ascensão muçulmana.

O conceito de caminhada, de peregrinação, é tão lato quanto as necessidades espirituais, culturais ou até sociopolíticas que se impõem aos cidadãos comuns sempre determinados nesses percursos na esperança de chegarem, da implícita salvação, da

consolação adquirida, transmitida logo num simples sorriso de felicidade por terem chegado, alcançado a sua meta!

Daí esta atitude de "re-ligare" a qualquer santuário, e muito em particular Compostela ter a ver com este sentimento de casar este conceito de felicidade, sentido último do peregrinar que é o de chegar!

Se por um lado Roma, cabeça do Império, foi aquela que mais influenciou na definição das bases da cultura europeia não só pela aplicação do direito como pela construção de uma diversidade de caminhos que estrategicamente apontavam àquela cidade é, também, nesse mesmo Império Romano que se consolida o cristianismo quando Constantino o oficializa, definindo, a partir do século IV, a sua área de influência como a identidade politico-religiosa que abrange toda a geografia romana demarcada pelas fronteiras de então. É o próprio Papado que assume prolongar esta atitude quando no primeiro dia do século IX, Leão III coroa Carlos Magno como Imperador, o qual a partir de Aachen ou Aix-la-Chapelle estende o novo Império Carolíngio, bem mais a norte, infiltrando-se na bárbara Germânia. O que poderemos "ler" deste acto é que, na realidade, com esta coroação se afirma que só o gesto pontifical faz o Imperador. Com esta coroação o Império Romano fica dissolvido e transformado em Império Cristão. Com esta acção papal a Santa Sé afirma a necessidade de um imperador activo, que se imponha não só à aristocracia romana e proteja os cristãos do mundo bárbaro assim como os lugares santos.

Esta vertente político-religiosa na geografia da Europa Central parece-me não ser menos importante para alcançarmos as diversidades das rotas, tanto espirituais, como culturais e artísticas que se reúnem preferencialmente no Caminho de Santiago

qual raro deambulatório se desenrola à volta do seu centro sagrado, ou seja, a imagem de São Tiago.

Esta é a Finisterra europeia de então! Os peregrinos dirigem-se na direcção do mar e do céu, ou seja, da esperança que procuram numa relação com o transcendente e com o imortal na procura da leitura da linha do horizonte, porém têm consciência de que o percurso que os leva é um percurso aprazado, é um percurso de ida e volta, e como tal percurso que em si é tão mortal quanto inserido no nosso viver, no nosso morrer quotidiano.

Esta mentalidade de uma Europa crente divulga-se na proporção do alargamento das rotas de peregrinação levando a que a Europa se denomine a partir do século IX Europa Christiana. A peregrinação ao Tumulo de Santiago é como uma nova bandeira que desde o seu começo assina a identidade europeia que se procura erguer como afirmação de apogeu ocidental na transição da Idade Média para a época Moderna. Depois seguiram-se períodos de crise ao longo desta época e da Contemporânea e só voltou a ganhar mais presença no final do século passado, sendo hoje, neste dealbar do século XXI, um caminhar de dimensão ainda mais internacional.

Este "estar" e "ser" da Europa Christiana ainda mais se solidificou com as fortes implantações monásticas de que o franciscanismo é dos melhores exemplos. Não se pode compreender a cultura europeia, ao longo dos séculos, sem seguir esses fantásticos percursos religiosos, culturais, económicos e sociais que o peregrinar implicou. E, os de Santiago, foram sem dúvida, os que mais concentraram as maiores e as mais antigas tradições tendo, nesses moldes, contribuindo decisivamente para a afirmação do espírito europeu – como encruzilhada de forças – inovadoras e criativas – já que peregrinar é isso mesmo, é andar para viver é secundar o nosso adágio popular

de que "parar é morrer"! Assim, a Igreja identificada com este espólio cultural tão evidente em si é, como tal, alicerce da Europa que procurou e fortemente insistiu para que os valores cristãos fossem considerados uma natural matriz deste continente e como tal figurassem na futura Constituição Europeia, o que, não só não veio a acontecer como também a referida Constituição não chegou a bom porto…

Era neste sentido, na sua especial visão sobre a Europa que o Papa João Paulo II, tanto em 1982 como em 1989, dizia que esta devia voltar a encontrar-se salientando: "Sê tu mesma. Descobre as tuas origens, aviva as tuas raízes, revive aqueles valores autênticos que tornaram gloriosa a tua História e benéfica a tua presença nos outros continentes. Reconstrói a tua unidade espiritual num clima de respeito às outras religiões e às genuínas liberdades".

Porém, a bandeira europeia reflecte, desde início, algo de diferente pois as matrizes aí reflectidas – fundo azul com 12 estrelas – não significando estas o número de estados que a compõem, como acontece com a dos Estados Unidos da América, reflectem, pelo contrário, a diversidade dessas matrizes identitárias europeias: tais como os 12 trabalhos de Hércules, os 12 meses do ano, os 12 apóstolos, as 12 tábuas da lei, os 12 signos do zodíaco e as 12 estrelas que, segundo o Livro do Apocalipse, teriam aparecido a rodear a cabeça de uma senhora, vestida de azul, no céu aparecida.

Esta bandeira da União Europeia transmite esta complexa associação do sagrado e do profano e daí as matrizes aparentemente mais vinculativas serem a cultura judaico-cristã, da cultura greco-romana, do racionalismo cartesiano associado numa evolução histórica aos direitos resultantes da Revolução de 1789 – liberdade, fraternidade e igualdade como à Declaração Universal dos Direitos do Homem, ou seja,

numa certa afirmação de que a religião e a ciência humana são as duas forças mais poderosas de toda a História.

E são estas matrizes, fortemente imbuídas pelo espírito cartesiano que permitiu a continuação da C.E.E., hoje U.E., num esquema e funcionamento orgânico "a contrario sensu" da História da Europa, mas que, pela primeira vez, conseguiu alcançar nesse mesmo espaço europeu uma paz de cinquenta anos!

Daí considerarmos que a identidade europeia não foi estática, não é fixa, nem nunca será definitiva!

Já dizia o grande pensador Unamuno: "Ai! Que me roubam o meu eu!" e ele teria toda a razão se a cultura se tornasse dependente da acção política, qual peregrinar sem alma, quando esta deve sobretudo ser a dinâmica de forças anímicas para não cair numa uniformização global.

A identidade faz-se e refaz-se em sociedades abertas e será, como tal, cada vez mais compósita e planetária, o que significa de grande enriquecimento, complexidade e também possíveis rupturas. Esta tem de ser pensada de molde que a definição de unidade identidade inclua as diferenças na unidade o que nos leva à clássica exemplificação do funcionamento de uma orquestra ou ao clássico olhar de uma rede com todos os seus múltiplos nós, ou seja, à identidade exigível a cada um dos nós, os quais só existirão enquanto elementos de um todo rede, tanto quanto uma unidade sem diferenças será uma unidade mais facilmente condenada, como o seu contrário ser mais caótico.

Identidade para mim é sermos nós em relação com, mas sem nos deixar absorver pelo outro! Daí ter tanta dificuldade hoje em aceitar a vulgar aplicação do

termo tolerância para contudo e nada! Preferia o termo ou conceito de curiosidade versus o "outro" pois mais nobre, enriquecedor e igualitário.

Posto isto, parece-me que o fenómeno peregrinação tem novos contornos a partir da Idade Moderna, em particular com a crise da consciência europeia no século XVII, quando Descartes permeia o primado da subjectividade do "eu", e da alternidade, o "tu".

No mundo actual mais multicultural e multireligioso é urgente pensar a identidade sempre em percurso de peregrino, no quadro das nossas múltiplas pertenças (mais "inter" do que "multi"), para que a identidade, hoje, possa ser mais do que uma meta ou de que um ponto de partida, uma consciente procura de horizontes que se deslocam hoje ainda mais quando marchamos para eles, assinados pela relatividade do estar actual.

Procurar hoje o essencial tem mais a ver com a procura dos lugares sagrados já que o positivismo dos dois últimos séculos nos impediu de os ver e dar-lhes tanta importância quanto mereciam, daí as peregrinações temáticas que hoje se dirigem ou podem dirigir a percursos de arte barroca, a lugares simbólicos da democracia, até a campos de concentração e extermínio. Caminhar por este percursos eventualmente em profundo silêncio poderá ser também um acordar para a vida! E se este caminhar nos parece mais profano não o será, tanto quanto, os valores mais profundos do sagrado os possam revestir também!

Santiago de Compostela faz a Europa assim como a Europa cultural de hoje refaz Santiago, mas hoje, se por um lado queremos o contacto com o diferente para voltarmos logo ao nosso mundo domesticado e por vezes reduzirmo-nos a isso, hoje talvez haja uma outra heroicidade na direcção do "novo", do não familiar, do

diferente! … do "outro" "tout court" sem se procurar se quer voltar ao ponto de partida.

Peregrinar poderá ser ou não até uma atitude de êxodo!

Por isso as nossas peregrinações, em sentido lato, hoje revitalizadas graças à tecnologia, tanto assinam caminhos religiosos para Santiago, como para Lourdes, Fátima, Roma ou Jerusalém em moldes não de Finisterra como anteriormente mas em espaços de interculturalidade onde os valores humanistas, os Direitos do Homem, os direitos à diferença, ao respeito, à integração do Outro são realidades experimentadas pelos jovens europeus e não só, quando usam o "Interrail", participam em orquestras de jovens europeus, em vários festivais ou frequentam programas comunitários procurando conseguir consensos necessários em grupo.

Daí que hoje seja natural o reforço vitalizador dos caminhos de peregrinação sejam eles o religioso como Santiago, os estéticos como o do barroco, ou sócios políticos como os dos campos de concentração ou os da democracia. São todos fundamentais para o Homem como um todo!

Hoje a desejada Europa dos Cidadãos numa política da lógica dos povos e não da Europa dos Estados, não poderá impor ao Homem uma dimensão única, nem abstrair-se das suas realidades históricas só para atingir um universo de fusos horários. A identidade europeia não pode estar relacionada nesses moldes pois não se pode fazer da soma das identidades culturais um Homem novo, a não ser com sonhos totalitários, mas, esta desejada Europa dos Cidadãos dirá sobretudo respeito à prática de valores democráticos já que a verdadeira cultura é pessoal e universal e na intercepção das diferentes culturas pessoais encontramos sempre algo de comum!

Daí a identidade do cidadão global de hoje ser sempre historicamente fundamentada nesta nossa eterna atitude de renascer. Iniciámo-la na Europa das Catedrais, como indivíduos, na Europa da Renascença com a nossa mundividência enquanto homens do Ocidente e agora em percursos de identidade onde se pretende que a interculturalidade seja, a que nível for, um factor de paz e estabilidade global.

Se ser peregrino de Santiago será sempre importante, hoje, penso que o é tanto quanto o seu universalismo implica na Europa, que ele próprio ajudou a construir, a assumpção da pluralidade de pertenças, a afirmação em democracia pelo cosmopolitismo e a ligação aos conceitos de cidadania, simbologias da Europa actual.

Assim, o andar, o caminhar, o peregrinar será sempre condição humana, do nosso reencontro e da nossa procura de identidade com a indefinida linha do horizonte…